



### A MORTE DE PALMIRO TOGLIATTI

A morte de Palmiro Togliatti traz ao Partido Comunista Italiano a ameaça de uma radicalização das diferentes tendências que no seu interior têm estado em conflito e que só o extraordinário talento político do falecido chefe havia logrado suavizar. A linha das facções, liderada por Giorgio Amendola, parece não repugnar a adoração de esquemas reformistas, nem tão pouco a de uma política de relativa coexistência pacífica com o atribulado centro esquerda — inclusive a participação em eventuais governos de coligação. Pietro Ingrao, «leader» do grupo parlamentar do partido, revela-se o homem forte da facção oposta: Autonomismo, anti-reformismo, anti-coexistência. Anti-realismo?

Não está ainda perfeitamente esclarecida a posição que no antagonismo que se referiu ocupa ou ocupará o novo secretário-geral Luigi Longo; é porém de crer, apesar dos inesperados esforços de centralização que este começou já a envidar, que na oposição Amendola-Ingrao se alicerce a verdadeira «struggle for power» de que resultará o carácter instável do lugar que Longo actualmente ocupa.

A fundação em 1921, por Antonio Gramsci e pelo próprio Palmiro Togliatti, do P. C. I., veio abrir no movimento socialista italiano, três décadas antes constituído em partido, a sua primeira grande cisão.

Aliás, curta foi então a existência legal do novo partido: o ano de 1922 trouxe ao poder as camisas negras que foram do conhecimento público e o P. C. I. não tardou a entrar na clandestinidade.

Em 1935 a guerra italo-etíope levou Togliatti a promover, em Bruxelas, um congresso de resistência e de condenação do conflito. No ano seguinte parte para Espanha com alguns companheiros, ao deflagrar da guerra civil; para além da boa vontade, seria inévitable a intenção de compensar as viagens que alguns milhares de compatriotas seus tinham igualmente começado a fazer pelo sul. Foi do país três anos depois, horas antes de as tropas franquistas ocuparem Madrid. Sob o pseudónimo de Mario Tarrentini, incita os italianos à resistência e à sabotagem da produção militar durante a segunda grande guerra. Regressa a Itália com a vitória e apesar de dispor do praticamente único agrupamento político do país razoavelmente militarizado e organizado, recusa sempre a hipótese de uma conquista violenta do poder; mesmo quando uma greve geral rebenta em toda a Itália como réplica ao atentado

SERVIÇOS DE CENSURA  
(S.º D.º N.º)  
CORTADO





SERVIÇOS DE CENSURA  
 (S. D. P. T.)  
 CORTADO

de que é vítima em 1948 — um ano apenas depois de o demo-cristão De Gasperi haver afastado os comunistas do poder. Em 1956 o relatório de Kruschef marca na comunismo mundial a evolução que se conhece; é o degelo, ou, se se preferir, a possibilidade do degelo.

O Partido Comunista Italiano é contudo, dos seus congéneres europeus, aquele em que palavras como «destalinização» menos carecem de ser utilizadas; Togliatti vinha de há muito falando de «diversidade de caminhos» e de «policentrismo»; e nunca um apreciável clima de liberdade opinativa e crítica tinha deixado de circular no interior do partido.

O último, e talvez mais duro, teste da carreira política de Togliatti veio ser interrompido pela sua morte; não tão cedo porém, que se não conhecessem já algumas das resposta que formulara: No já mais que diferendo sino-soviético, Togliatti havia adoptado uma atitude favorável à linha de orientação russa, adopção no entanto muito menos rígida que, por exemplo, a do seu camarada Maurice Thorez. Opôs-se contudo até ao último momento ao projecto soviético de uma conferência comunista internacional, temendo por certo as irreconciliáveis e as excomunhões que aí poderiam vir a ser consagradas.

A morte de Palmiro Togliatti só ganhara em ser encarada com objectividade (subjectiva foi por exemplo a atitude tomada pelos dirigentes albaneses e chineses, que se não fizeram representar no funeral). E é essa objectividade que obriga a constatar que, à data da sua morte, Togliatti era o chefe incontestado de um determinado partido comunista — não só o maior da Europa Ocidental<sup>1</sup>, como também o único que nessa mesma Europa Ocidental dispunha (e dispõe) de possibilidades não remotas de conquistar, por via eleitoral, importantes sectores do poder político.

S. P. S.

<sup>1</sup> O P. C. I., o segundo maior partido de Itália, conta 1 700 000 filiados e um invulgar poder de infiltração na classe média e nas camadas intelectuais; depois de um longo período de relativo declínio, as eleições parlamentares do ano passado vieram demonstrar o início da sua recuperação: 25 % dos votos obtidos, ou seja, o apoio de um em cada quatro eleitores. Tais resultados foram só excedidos pela Democracia-Cristã, que aliás retrocedeu na opinião eleitoral.





SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

### ~~LIVROS QUEIMADOS~~

**P**ARA comemorar o Dia da Educação, organizou-se na Indonésia uma grande manifestação durante a qual, em público auto de fé, foram queimados livros considerados contrários à ideologia, aos interesses «nacionais».

Como ainda está — ou devia estar — na memória de todos, foi com um acto idêntico que a Alemanha nazi, restaurando uma velha prática inquisitorial, marcou uma das suas etapas decisivas. Ora, entre a Alemanha dos Hitleres e a Indonésia há concerteza enormes diferenças: o que só é mais uma razão para lamentarmos e verberarmos tão indigna forma de comemorar um Dia da Educação.

Aliás, outra coisa nos surpreende e nos faz crer (confessamos o nosso mínguaço conhecimento da situação política na Indonésia) não se tratar de um regime por essência totalitário que tem de assentar na repressão e no terror indispensáveis (indispensáveis para o regime, é claro...), mas antes de um fermentar de paixões, talvez saudáveis, mas que por ainda imaturas e pouco estruturadas dão de momento manifestações tão baixas e deploráveis como esta.

E isto supomos, ou acreditamos, dado que em regimes que hoje, têm de facto características assim consciente, ?????vamente totalitárias já não suas típicas formas de actuação essas de queimar livros, ou coisa que o valha: estas visam outras formas larvadas, muito mais sutis, e que, sem ser então escandalosas, são por igual eficientes.

E esses que — sempre, é claro, em nome dos superiores e indiscutíveis interesses «nacionais». E do seu ponto de vista com razão: pois a «nação» são eles, e apenas eles... — cometem tais barbaridades, ou são afirmadas e deliberadamente defensores de ideias que morreram há muitos séculos, ou, mesmo proclamado o contrário, estão na prática a demonstrar ainda uma derradeira adesão a elas. Para sua meditação, e inquirição, lembremos-lhes com Emmerson que «todos os livros queimados iluminam o mundo».

J. C. V.

Provas remetidas à Censura

em/ 14-9 /64

Prova n.º 12

Saída em 28/8/64



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

TOGLIATTI E O VATICANO

*A morte recente do Secretário-Geral do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, deu azo a manifestações inusitadas da parte da Santa Sé e que não deixam de ter o seu significado e importância, bem como se inserem no clima de diálogo iniciado por João XXIII e prosseguido pelo actual Pontífice.*

*Assim, a 15 de Agosto, o Papa encontrou os católicos que se encontravam com ele em Castelgandolfo a orarem pelo conhecido político italiano. E no dia seguinte o Osservatore Romano ao publicar orações pelo presidente Sgani formulava «uma oração cristã por outra personalidade política italiana, Togliatti.*

*Depois da morte deste, a direcção do Partido exprimia num comunicado «o seu agradecimento pelos votos e palavras sensíveis que o Papa Paulo VI pronunciou».*

J. B. C.





FALA DE HORÁCIO

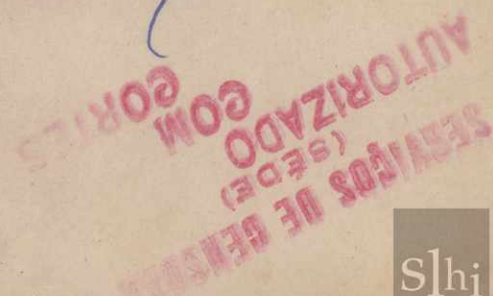
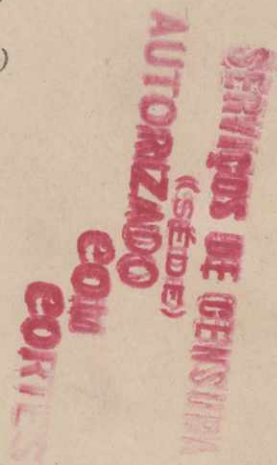
Um átomo, um nada, perturba o olhar da alma.  
 Na mais alta e triunfal hora de Roma,  
 Pouco antes da queda do glorioso Júlio.  
 As campas ficaram vazias e em seus lençóis os mortos  
 Povoaram de uivos e de guinchos as ruas romanas.  
 E quase os mesmos sinais dum suceder sinistro,  
 Como arautos precedendo a má fortuna  
 E prólogo dos agoiros avançando,  
 O céu e a terra reunidos mostram  
 Agora à nossa gente e em nosso clima:  
 Estrelas com caudas de fogo e orvalhos de sangue,  
 Desastres no sol; e o humido astro  
 Que em seu poder mantém o império de Neptuno  
 Agonizou em eclipse como no dia final.

(O Fantasma volta)

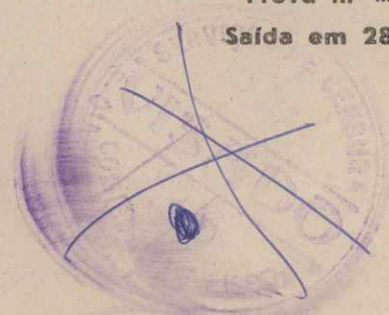
Silêncio, olhai, ele volta outra vez!  
 Vou detê-lo nem que me destrua... (estende os braços)  
 Pára, ilusão!  
 Se tens alguma voz ou uso da palavra  
 Fala-me.  
 Se hé alguma boa acção que possa ser feita  
 E que a ti te dê alívio e a mim merecimento  
 Fala-me.  
 Se tens notícias de algum futuro mal do teu país  
 Que possa ser felizmente evitado pelo aviso  
 Fala!  
 Ou se escondeste durante a tua vida  
 No ventre da terra um tesouro roubado,  
 Coisa que muita vez, dizem, faz voltar os mortos,  
 (Um galo canta)

HAMLET, Acto I, 1.º

*So' com este corte*







A ELOQUENCIA EM TSHOMBÉ E A NEGLIGENCIA EM AFRICA

FINDO o encontro dos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros da O. N. A., encontro de emergência para discussão do caso Congo, Tshombé respirou se não satisfeito, pelo menos aliviado. E como ele outros também.

De facto, ao fim de cinco dias em Addis Abeba, os ministros apenas aconselharam a repatriação dos mercenários (África do Sul, Rodésia e outros sítios) «o mais breve possível» (que Tshombé pode interpretar, «até sustar os rebeldes em Coquilhatville) e criaram uma comissão moderadora que a Tshombé não tirará mais do que algum tempo. Mas além de não perder, Tshombé ganhou. Depois da sua exclusão da Conferência no Cairo, em Julho, os resultados de agora representam um bom salto no seu jogo, no jogo entre-governos da África Negra. Desde o primeiro dia, foi somando pontos em Addis Abeba: da pura abstenção dos «neutralistas» à constatação seráfica de Kambona, do Tanganica (o envio de tropas negras para o Congo não traduziria uma intervenção estrangeira, os soldados não seriam mais que «mercenários pretos»).

Mas, dizíamos, nem se Tshombé suspirou aliviado.

A África ao Sul do Congo vê com certa apreensão a onda de Nacionalismo que de há sete anos vem a pouco e pouco avançando. Tshombé sabe, ao menos, um razoável pára-choques. Insuficiente, há quem diga. Os E. U. A. podiam fazer mais do que dar aviões, podiam ganhar homens com os mercenários brancos; mas a resposta surgiria com gritos de «conspiração imperialista» e para Johnson o clima de Addis Abeba merece não ser estragado. Assim, a supremacia branca terá de contentar-se com meio-Johnson, com um bom quinhão de Tshombé, e com a serenidade dumá mão-cheia de chefes africanos.

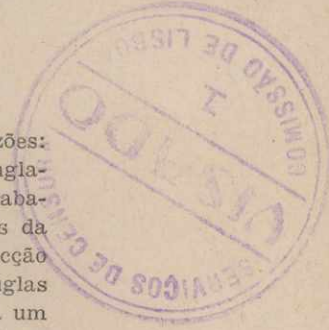
E, como o chamado Ocidente, pode contentar-se mais. O Comunismo manteve-se pacato e até talvez menos (reveja-se o que de último se tem passado em África), e o Congo há apenas um auxílio em homens, o da China. Não vamos discutir o problema. Os seus dirigentes afirmam «sabê-lo», nem todos de acordo, é certo. E dizia um que já não é, «de sua casa cada um sabe melhor, mas do que se passa fora há quem conheça mais umas coisas mas veja pior outras».

J. L.

CÓPIA DE RESERVA  
USADA  
CORTADO

CÓPIA DE RESERVA  
USADA  
CORTADO





consinta; e Sir Alex Douglas Home não o pode consentir, por duas ordens de razões: 1) eleitorais: ceder a San Smith mostraria aos ingleses a verdadeira face da Inglaterra tory, a apoiar um governo racista, e forneceria um óptimo argumento aos trabalhistas; 2) razões ligadas à Commonwealth: é duvidoso que os países africanos da Comunidade Britânica aceitassem sem reagir um tal movimento; e a sua reacção seria péssima para a Inglaterra. É com este pano de fundo que Sir Alexander Douglas Home se encontra com San Smith. E então, com surpresa universal, chega-se a um acordo: acordo que a ambos convém — a Sir Alex que pode mostrar à Inglaterra estupefacta a sua habilidade como negociador, a San Smith que neutraliza os ataques da direita e mantém os partidos africanos à distância: o governo inglês declara só poder aceitar a independência desde que seja referendada segundo o princípio «one man, one vote». Muito bem. San Smith fará o referendo assim mesmo mas no quadro tribal com os partidos políticos africanos proibidos de actuar. E aqui entra a primeira ilusão: as estruturas tribais rodesianas são inteiramente dominadas pelo governo branco que paga os chefes das tribos como vulgares funcionários públicos. Tal referendun será inevitavelmente falseado. Mas isso que importa? San Smith é um homem de boa vontade, Sir Alex também e aplicar-lhe-á a grande máxima: faz aos homens de boa vontade. Vejamos a segunda ilusão dos recentes acordos: em 15 de Outubro serão as eleições inglesas. O referendun rodesiano (a fazer-se — e se não se fizer San Smith está desfeito) coincidirá provávelmente com essas eleições; o governo branco conseguirá a maioria para a sua independência; haverá então em Inglaterra um novo governo, conservador ou um trabalhista; em qualquer dos casos, San Smith está garantido do sucesso: se for Tony o novo governo inglês, certamente que Sir Alex vai pagar a quem não lhe causou sarilhos durante as eleições permitindo-lhe a vitória; e se esse pagamento consistir no respeito da «legalidade», quem o poderá criticar?; se for o Labom a vencer as eleições, ver-se-á colocado perante o *fait accompli* do referendun; não dar a independência (contrariando a *vontade* popular!) não só será anti-democrático como poderá obrigar a uma intervenção militar britânica que está longe de ser a melhor estreia para qualquer governo (e que até poderia ser ilegal na medida em que o governo inglês só não estava de acordo com a independência se esta não fosse aprovada por toda a população. E nessa altura, ela tê-lo-á sido). E caso o governo trabalhista fosse tão longe (o que será difícil) um pequeno golpe de estado resolveria tudo pelo melhor. Caso San Smith não consiga cronometrar bem estes seus movimentos, poderá muito bem ser que tudo caia por terra perante um governo trabalhista que não consentiu num referendun fantoche.

E para mais San Smith não está sozinho (se estivesse nada poderia fazer): a República Sul-Africana não perderá a ocasião de estimular um tão útil estado tampão que a protegerá dos negros, a Niassalândia ser-lhe-á muito simpática, e os outros territórios vizinhos não deixarão de olhar com igual ou maior simpatia um tão inteligente colega na defesa de certos interesses.

S. M.

~~Como parecem querer de...~~



TRABALHISTAS DE CENSURA  
AUTORIZADO (s) (s) (s)  
COM GORTES



## DE GAULLE NA AMÉRICA DO SUL: CORTEZ, NAPOLEÃO III?

**A** PÓS ter pacificado as Gálias e a Nómia, Sua Majestade abandona Versailles o Eliseu para visitar o Novo Mundo. Qual é o significado desta viagem? Com ela De Gaulle joga duplamente — como aliás é seu hábito — levando em conta a situação política francesa e internacional. Neste último campo De Gaulle vai atacar os Estados Unidos no seu próprio (mas tão ameaçado) feudo oferecendo aos sul-americanos uma solução de do imperialismo norte-americano sem cair nos braços russos: o auxílio económico (até agora 150 milhões de dólares ao México) e técnico (sobretudo técnico que é mais barato e mais eficiente) francês e, no plano ideológico, uma terceira via, entre o imperialismo e o comunismo: o Nacionalismo, que tão boas provas tem dado na Europa e que tão forte se revela na América do Sul. De Gaulle parte assim à conquista das Américas; mas qual será a sua sorte? Será ele um novo Cortez ou seguirá o exemplo mais próximo de Napoleão III? A dúvida paira (como De Gaulle gosta), sem dúvida pairará durante muito tempo e talvez nunca tenha uma resposta decisiva, pois uma solução de compromisso, uma partilha da influência, sem vencedores nem vencidos, parece o mais provável; quanto aos métodos que De Gaulle usa não são, de modo algum, nem os dos conquistadores nem os de Napoleão III antes se aproximam mais de outras técnicas de penetração — charme, delicadeza, gentileza. De Gaulle vai falar espanhol e vai, sobretudo, lisongear, pelo simples facto da sua viagem, o orgulho até aqui espezzinhado dos povos da América Latina.

Só daqui a algum tempo saberemos do sucesso da viagem de De Gaulle mas um êxito, pelo menos restrito, parece assegurado.

Mas no plano da política interna francesa, a viagem constitui uma manobra ainda mais hábil. Primeiro De Gaulle vai aproveitá-la para desenvolver as relações económicas França-América Latina que se mantêm a um nível ridículo — 4,2 % das exportações francesas (enquanto os Estados Unidos exportam 3 biliões de dólares de mercadorias, a Alemanha 698 milhões a França limita-se a 278 modestos milhões de dólares); De Gaulle conquistará assim novos mercados e talvez mesmo matérias-primas difíceis de obter (é possível que a França já tenha deitado o olho ao urânio brasileiro). Depois De Gaulle vai ser muito aplaudido na sua tournée; e isto mostrará aos franceses como a sua Pátria é amada e respeitada, como a folie de grandeur é afinal uma sagesse de grandeur como De Gaulle é grande, bom e justo. Querirão os franceses amá-lo menos que os norte-americanos? Finalmente, De Gaulle recolhe os elogios da esquerda francesa que se vê obrigada a apoiar a política que sempre defendeu e que De Gaulle pratica: defesa de autodeterminação, e ajuda aos países subdesenvolvidos, luta contra o imperialismo americano. Em escala menor repete-se o que se passou aquando da guerra da Argélia: em que De Gaulle, homem das direitas, praticou a política tradicional da esquerda (que era também — e não por acaso — a única sensata) tirando assim aos partidos da esquerda os seus melhores trunfos e obrigando-os a uma reconversão dolorosa, que ainda hoje não se processou completamente. Assim a actual viagem de De Gaulle contribui para neutralizar a política externa da esquerda francesa.

É como se vê uma viagem plena de incidências políticas, um ante-preparo para as eleições presidenciais em que De Gaulle entra assim mais prestigiado do que antes.

A não ser que o charme falhe, que o espanhol dos discursos não resulte, que De Gaulle não seja o exemplo da B.B. mas seja forçado a imitar o príncipe-presidente-imperador Napoleão III. Aliás De Gaulle tem outros pontos de contacto com Napoleão III: este passou de príncipe a presidente, De Gaulle seguiu o percurso inverso: foi de presidente a Príncipe. E pode ser que as semelhanças não fiquem por aqui.

(SÉDE)  
 AUTORIZADO  
 COM  
 CORTEZ